
ESOPO. *Fábulas Completas*. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. Ilustrações de Eduardo Berliner e Apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013, 564 p., 86 ils. ISBN: 978-85-405-0475-2.

Recibido: 30/09/2014

Evaluated: 04/10/2014

Aceptado: 10/10/2014



As fábulas de Esopo permeiam o imaginário infantil ocidental desde as adaptações fabulares de Jean de La Fontaine, no século XVII. As fábulas de La Fontaine tornaram-se provérbios morais para as gerações vindouras, pais e professores se apoiavam nos ditos morais de seus pequenos contos para educar e advertir as crianças sobre o certo e o errado. No entanto, essa tônica pedagógica infantil dada às fábulas não correspondem completamente ao universo literário de Esopo. Diferente do nobre e abastado La Fontaine, especula-se que Esopo tenha sido um

escravo, do tipo por dívidas, muito comum na Atenas do séc. VI a.C. Assim, o conteúdo de suas fábulas era mais voltado para as questões sociais e políticas de sua época, sem perder o seu caráter didático-moral. É interessante ressaltar que Esopo não foi o criador do gênero fabular, que já o encontramos em Hesíodo e Heródoto, por exemplo. Como Adriane da Silva Duarte aponta na abertura de sua interessante Apresentação à obra, citando Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, v. 202, traduzido por Mary Lafer:

“Agora uma fábula falo aos reis mesmo que isso saibam”

E continua afirmando que:

Assim Hesíodo introduz o relato sobre o encontro entre a águia e o rouxinol [...] trata-se do primeiro registro na Grécia dessa espécie de narrativa, breve, normalmente em prosa, muitas vezes protagonizadas por animais falantes (embora não exclusivamente) e selada por uma máxima moral (p. 7).

Há registros que nos revelam que as fábulas nem mesmo nasceram no mundo grego, visto que temos fábulas já Babilônia antiga, escrita em acádio, mas com a finalidade de exercitar o aluno na arte retórica. A mais famosa delas é a da “Águia e a cobra” que foi incorporado no poema épico sumério que versa sobre o mito de Etana. De qualquer forma, as fábulas utilizam um discurso tradicional popular para expressar ensinamentos que colaboram para a padronização de um comportamento.

Por se tratar de um gênero literário mais popular, a fábula não é tratada como um gênero nobre, daí não ter sido muito estudada e entre os autores antigos e ainda em nosso tempo, pois não vemos estudos abundantes sobre esse gênero na academia. No Brasil, a professora Maria Celeste Consolin Dezotti, Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara, destaca-se por ser a grande estudiosa das fábulas de Esopo, com vários livros publicados sobre o tema. Dessa maneira, a tradução das 383 fábulas esópicas realizada pela referida professora não somente revelam o seu conhecimento da língua grega, como também espelha o seu conhecimento teórico sobre o gênero. O volume traz ainda ricas ilustrações de Eduardo Berliner, o que torna o conjunto da obra singular, um projeto gráfico de muito estilo, agradável ao leitor.

Apresento então três fábulas traduzidas pela autora para ilustrar certas particularidades do gênero fabular e ainda o cuidadoso trabalho de tradução exposto no livro, que teve como base a edição crítica de Émile Chambry.

Eis a primeira:

O corvo e a raposa

Um corvo surrupiou um pedaço de carne e foi posar numa árvore, mas uma raposa o avistou e quis tomar-lhe a carne. Parou, então,

diante da árvore e se pôs a fazer elogios à sua beleza e ao seu porte vistoso, dizendo também que ele era perfeito para ser o rei dos pássaros, e que isso certamente aconteceria se ele tivesse voz. E o corvo, querendo mostrar-lhe que tinha voz também, soltou a carne e ficou grasnando bem alto. A raposa, então, agarrou correndo a carne e disse-lhe: “Ei, corvo, se você também tivesse inteligência, nada lhe faltaria para ser rei de todos nós”

Moral: Para homem tolo a fábula é oportuna.

Nota-se que o conteúdo da fábula esópica aplica-se também ao gênero literário conhecido como sapiencial, uma vez que a parábola é um elemento constitutivo desse tipo de literatura. A segunda fábula selecionada:

O naufrago e Atena

Um ateniense rico navegava em companhia de outras pessoas, quando ocorreu uma forte borrasca e o navio soçobrou. Enquanto todos os outros pelejavam para nadar, o ateniense não parava de invocar a deusa Atena, fazendo-lhe mil promessas caso se salvasse. Então, um dos companheiros de naufrágio, que estava ao seu lado tentando nadar, lhe disse: “Mas, com a ajuda de Atena, movimento o braço você também!”

Moral: Pois é. Portanto, também nós devemos agir, além de invocar os deuses, ainda que contemos com alguma ajuda em nosso favor.

Outro aspecto presente nas duas fábulas acima é o uso do relato fantástico que vem acompanhado de uma anedota, e destacamos que ambos os gêneros literários se mostram recorrentes na composição das fábulas esópicas. E por fim:

Zeus juiz

Zeus determinou que Hermes gravasse em cacos de terracota os erros dos homens e que os depositasse ao lado dele dentro de uma caixa, para que pudesse cobrar satisfações de cada um. Mas os

cacos acabaram ficando baralhados. Assim, cada vez que Zeus faz o julgamento, os cacos caem nas mãos dele, uns mais devagar, outros mais rapidamente.

Moral: Que não é de admirar que os injustos e os malvados demorem para receber o troco de suas más ações.

Percebe-se que mais dois gêneros literários, a saber, o provérbio e a alegoria, aparecem nessas fábulas esópicas selecionadas, o que nos leva a concluir que o gênero fabular agrega diferentes gêneros na sua composição. Por esse conteúdo e por sua finalidade didática, a fábula traz essa marca de ser um relato breve, de fácil memorização e de rápida compreensão. A fábula desempenha assim a função de um ensinamento acompanhado de um exemplo, uma alegoria ocorrida no passado mítico e atemporal, também relacionada ao presente, com lições que têm validade no tempo futuro. Talvez essa intersecção temporal do relato fabular explique a permanência e a atemporalidade dos seus episódios e ensinamentos.

Por todas as razões enumeradas acima e por aquelas que o meu texto não abrange, a leitura dessas fábulas de Esopo, traduzidas por Maria Celeste Consolin Dezotti, são imprescindíveis à reflexão e ao conhecimento de aspectos importantes da cultura grega antiga. Além disso, a leitura desse volume acresce pela acurada e acessível tradução de Dezotti, pois se mostra claramente preocupada em transmitir o texto grego ao leitor do nosso idioma, sem a perda da erudição e do seu conteúdo original, o que requer engenho e arte.